**DIVERGÊNCIAS METODOLÓGICAS ENTRE O ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO MILITAR DO RECIFE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

 LAURA MARIA FERREIRA DE GUSMÃO[[1]](#footnote-1)

 ROSANE EMANUELLE DE ARAÚJO SILVA [[2]](#footnote-2)

 FÁBIO MARQUES BEZERRA[[3]](#footnote-3)

 KADJA MICHELE RAMOS TENORIO[[4]](#footnote-4)

**Resumo**

O artigo busca compreender as divergências metodológicas no sistema educacional entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio no Colégio Militar do Recife, sendo desenvolvido a partir dos relatos de experiência das autoras no Programa de Residência Pedagógica, e das análises dos documentos do respectivo ensino fundamental e médio. Sendo assim, identificamos que a sistematização dos conteúdos ensino fundamental acontece devido a metodologia educacional de rodízio em ciclos, contudo, no ensino médio a falta de rodízio entre os objetos de conhecimento interrompe a progressão destes.

**Palavras chave**: Educação Física Escolar; metodologia de ensino; planejamento; residência pedagógica; CAPES

**INTRODUÇÃO**

Atualmente, os colégios militares apresentam documentos norteadores acerca do sistema de ensino da escola (conhecido como Projeto de Gestão Escola), e cada disciplina os seus conteúdos divididos em bimestres/semestres. O Colégio Militar do Recife (CMR) é um estabelecimento de ensino que integra o Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), um dos subsistemas do Sistema de Ensino do Exército, ou seja, o CMR tem como base esse sistema. Sendo assim, baseamos no mesmo e nas nossas vivências teórico-práticas para entender o funcionamento entre as aulas de Educação Física, comprovando suas divergências metodológicas acerca do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A escola possui uma proposta para a Educação Física, onde o aluno que ingressa no Ensino médio pode escolher qual modalidade é de sua preferência, devendo permanecer nela por no mínimo 6 meses e após isso tendo a possibilidade de alterar para outra ou permanecer com a mesma em todos os anos do Ensino Médio. Enquanto isso, no Ensino Fundamental existem os objetos de

conhecimento (conteúdos divididos por bimestre) e determinados por ano, no qual as turmas automaticamente fazem um rodízio obrigatório entre os mesmos a cada bimestre. Diante disso, as metodologias divergem, influenciando na atuação do professor (a) na forma de execução dos objetos de conhecimento/modalidade.

Observamos também que existem divergências entre professores – gestão, gestão – alunos, Colégio – estagiários, desde a sua hierarquia, à autonomia do corpo docente e discente nas aulas. A divergência entre professores e gestão é marcada pelos caminhos antagônicos em relação a educação e aos princípios da educação física escolar, por exemplo, a interferência direta nas aulas de educação física por uma hierarquia militar; a relação gestão e alunos é compreendida no decorrer das aulas pela própria expressão dos alunos, sendo negativa ou positiva diante das medidas do comandante ou de outro superior no corpo docente militar; enquanto isso, na relação colégio e estagiários, nosso conhecimento é aprofundado, tendo em vista a convivência estável destes 16 meses corridos na Residência Pedagógica. Esse fator foi decisivo em nossa construção principalmente quando relacionamos com a turma de Estágio II (ESEF/UPE), que não faz parte do corpo de estudantes selecionados no Programa, e que possuem uma vivência em ciclos menores, consequentemente interrupções frequentes nas Escolas.

Assim, durante nossas intervenções em aulas, participações em eventos desde jogos internos, feira de conhecimento, feira das nações, conselho de classe e algumas particularidades do Colégio, nos foi possível conhecer mais a fundo a didática da instituição, e assim, problematizar nossa atuação e os caminhos desenvolvidos entre a pedagogia e a atuação militar.

Buscamos através desse estudo compreender as divergências metodológicas no sistema educacional do CMR entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, nas aulas de Educação Física ministradas durante a participação (observação, planejamento e regência) no Programa da Residência Pedagógica.

**METODOLOGIA**

O artigo teve origem a partir dos relatos de experiência das autoras no Programa de Residência Pedagógica iniciado no semestre 2018.2, e para o seu desenvolvimento utilizamos a pesquisa qualitativa e do tipo documental, a partir de análises do Projeto de Gestão Escolar (PGE), que possui as diretrizes a serem seguidas pelo Colégio Militar em questão. No PGE encontramos outros dois documentos para subsidiarem nosso estudo: o Plano de Sequência Didática (PSD) e o Plano de Execução Didática (PED). O PSD é um documento norteador que possui as competências e habilidades (como os objetos de conhecimento) comuns a todos os colégios do SCMB, podendo passar por mudanças em ciclos de 03 anos. O PED é um documento elaborado pelos professores do próprio colégio em questão, e orientam o desenvolvimento das competências e habilidades determinadas no PSD, podendo ser reelaborado de ano em ano.

Tais conhecimentos ocorreram em paralelo com os estudos da Residência Pedagógica, na Escola Superior de Educação Física (ESEF/UPE) acerca da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), além das vivências pedagógicas realizadas, sendo posteriormente aprofundado com as vivências práticas na escola campo. Os planos de aula (todo planejamento) foram construídos de forma coletiva a partir das subdivisões da equipe de Residentes (bolsistas e voluntária) e compartilhados entre os grupos de estudo. Tais planos subsidiaram nossas discussões acerca da prática pedagógica, da Instituição Militar e a sua influência posteriormente em nossas discussões.

**DISCUSSÃO DAS ANÁLISES DOCUMENTAIS E INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS**

Segundo o Edital CAPES (06/2018):

A residência pedagógica consiste na imersão planejada e sistemática do aluno de licenciatura em ambiente escolar visando à vivência e experimentação de situações concretas do cotidiano escolar e da sala de aula que depois servirão de objeto de reflexão sobre a articulação entre teoria e prática. Durante e após a imersão o residente deve ser estimulado a refletir e avaliar sobre sua prática e relação com a profissionalização do docente escolar, para registro em relatório e contribuir para a avaliação de socialização de sua experiência como residente.

 Desta forma, nós, autoras deste artigo, participamos de uma seleção entre graduandos do curso de Licenciatura da Escola Superior de Educação Física, com etapa de entrega documentação comprobatória e entrevista. Foram selecionados 24 alunos com bolsa e 03 voluntários, tendo duas desistências ainda no início do Programa entre os voluntários. Os selecionados foram divididos em 03 escolas campus: Colégio Militar do Recife, Colégio de Aplicação do Recife e Escola Municipal Gregório Bezerra, e posteriormente subdivididos em duplas ou trios para regência em dias alternados. Dentro de cada escola campo, Preceptores que eram professores efetivos da escola selecionada que passam também por processo seletivo foram destinados a partir do Programa de Residência para subsidiarem nossas intervenções. No nosso caso foram os preceptores que contribuíram desde o início da nossa inserção no Colégio e que vem contribuindo na produção deste artigo, além das nossas regências.

Assim, a partir dos grupos de estudos onde analisamos os documentos direcionados na Residência Pedagógica, e em seguida com a experiência na prática, trilhamos um caminho de compreensão sobre o quanto o (CMR tem suas próprias normas e planejamentos dentro do Sistema do mesmo, não tendo como norte BNCC.

Para desenvolvermos nossa prática pedagógica, foi necessário nos aprofundarmos nas regras e determinações militares para compreender, refletir e intervir em relação aos direcionamentos do Colégio e aos nossos conhecimentos acadêmicos. Baseando-se no que a BNCC conceitua: a Educação Física como o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas

de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos e patrimônio cultural da humanidade.

 Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção. Também segundo a BNCC nas aulas de Educação Física, as “práticas devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re) construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e “desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade” (BRASIL, 2017, p. 213).

Entretanto, em nossa análise refletimos constantemente sobre as ações que norteiam o Colégio Militar, pois no Plano Geral de Ensino (PGE) não consta como a educação física será trabalhada ou distribuída em seus respectivos ciclos. Já na fala dos preceptores (professores da instituição que nos acompanham nesse processo) percebemos que a educação física possui a intenção de desenvolver esta autonomia citada, mesmo com todos os critérios militares. Assim, questionamos qual o motivo desta fala não constar no documento (PGE), portanto, consideramos pertinente esta avaliação na prática, e ainda nas nossas vivências observamos que isso as vezes não acontece.

Outra situação que nos chama atenção são as seis unidades temáticas que a BNCC ressalta: jogos e brincadeiras, danças, ginásticas, esportes e lutas. Entretanto, dependendo do atual comando na Instituição, podem acontecer vetos ou relocações dentro destas unidades temáticas, sem possibilidade de reavaliação ou debate entre os docentes e discentes. Esta medida foi realizada pelo comando do Colégio coincidentemente no período que estivemos desenvolvendo nossas intervenções e, para nós residentes, a ausência de uma unidade temática (danças) nos fez limitadas diante da amplitude de conhecimentos específicos referentes a esse objeto dentro das aulas de Educação Física.

Ainda assim, a estrutura de material e espaço disponibilizados pelo Colégio, além do quantitativo de professores na área da Educação Física, influencia direta e positivamente nas práticas corporais e nas aulas. Podemos exemplificar o caso da Ginástica, como relatado em conversas com os preceptores, onde a 04 anos atrás não existia a oferta da mesma, e após sua inclusão no currículo do fundamental foi perceptível a grande adesão dos alunos e sua crescente motivação para o aprendizado na disciplina. Ressaltamos que esta adesão foi em sua grande parte pelo público feminino, nos trazendo problematizações acerca do debate de gênero na instituição, se era desenvolvido pelos professores ou não. Outra questão que também pontuamos com os preceptores retoma o assunto de gênero quanto as modalidades de futsal e futebol, onde presenciamos apenas uma ou duas meninas desenvolvendo a modalidade e pelo relato dos professores essa resistência é tanto das meninas como dos meninos.

Para além destas intervenções diretas realizadas pela hierarquia da Instituição, pontuamos o importante debate em torno das divergências metodológicas do Ensino Fundamental e Médio. Como citamos anteriormente, estudamos e compreendemos as diretrizes norteadoras do Colégio (PGE, PSD, PED) e sua divisão de estratégia educacional entre os ciclos de aprendizagem. Discutimos e reelaboramos nossas metodologias ao rodízio de turmas, conteúdos e objetos de conhecimentos das turmas de Ensino Fundamental, e pudemos conhecer como os professores desenvolviam suas práticas para o Ensino Médio, que possui uma dinâmica mais distante da BNCC e um caráter mais esportivista. “Esse processo de esportivização da Educação Física Escolar é marcado, quase que exclusivamente, pela ênfase na promoção de habilidades físicas e técnicas, e para a seleção de talentos esportivos, tendo sido assumida como a tendência *esportivista (*DARIDO, 2003 *apud* Muniz; Ferreira, 2018).” Em contrapartida acreditamos em uma Educação Física crítica com a função não só de formar o indivíduo na dimensão biológica e esportiva, mas, considera principalmente os aspectos cognitivo, psicológico, cultural, social e afetivo. Nessa criticidade acreditamos que:

O esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte escola e não como o esporte "na" escola. (SOARES et al,1992, p. 48)

Assim, observamos que o trato do esporte no ensino médio no Colégio Militar, não demonstra um espaço que de reflexão crítica e sim apenas a prática pela prática da modalidade, sem ressignificar e sem significados culturais. No entanto, o ensino fundamental apresenta a discussão de um espaço mais crítico e de um ambiente que investigue as contradições sociais. Como detalharemos mais adiante, enquanto o Ensino Fundamental transita obrigatoriamente entre todos os objetos de conhecimento destinados aqueles anos pelos documentos próprios da Instituição, os alunos do Ensino Médio se “inscrevem” de forma individual em duas modalidades de sua preferência, podendo vivenciá-las de 06 meses a 03 anos, e assim, fica a critério do professor qual metodologia será destinada aos alunos e aos anos.

Contudo, referente ao que apresenta no documento da LDB (BRASIL,1996, p.18):

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I – a consolidação E o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pen­samento crítico;

Como esse aprofundamento dos conhecimentos pode acontecer em uma só modalidade, ou a critério de escolha e tempo do aluno, o mesmo não terá um aprofundamento acerca de outras modalidades, tampouco a interdisciplinaridade de

conteúdos fundamentais na aprendizagem. O desenvolvimento do educando enquanto formação ética pode ser evidenciado de forma contínua independente da modalidade e do tempo que permaneça nela, entretanto, o progresso na autonomia intelectual e no pensamento crítico podem sofrer uma dispersão por este modelo metodológico, tendo em vista sua flexibilidade e não progressão dos objetos de conhecimento. Diante da intervenção pedagógica apresentamos a visão de cada uma a partir das suas vivências.

Para uma das Residentes: Falando sobre as experiências com o colégio militar do Recife: A prática diária propriamente dita é limitada as vezes por causa da autoridade que os professores estão sujeitos. O comandante é o sujeito que não se existe diálogo diretamente e é o sujeito que suas regras são ouvidas e obedecidas, por causa da hierarquia, presente no colégio, atingindo assim a autonomia de fala de alguns profissionais. A prática pedagógica dos professores, falando dos de Educação Física, sofre diretamente por causa de suas regras, pois as vezes interfere diretamente nas aulas. O colégio com 8 professores de Educação Física e as vezes estão sem aula. Uns exemplos/motivos são em relação ao: Tempo/clima; Médico; outros. Quando se fala dos recursos em geral, os professores de Educação Física têm seu próprio departamento que é o SEF, que fica afastada das outras salas de gestão, e eles têm um chefe nesse departamento e geralmente é um militar, é ele que mais tem “acesso ao diálogo com o comandante” mesmo assim, ainda o diálogo é mínimo.

Sobre a Infraestrutura, o colégio apresenta uma estrutura que atende as necessidades básicas para se ter uma aula com qualidade, em relação ao espaço (ambiente), possui: um miniginásio que é poliesportivo, uma quadra aberta nas laterais que tem as demarcações de handebol, futsal e vôlei e ainda nessa quadra ela é 2 quadras em uma. Tem uma área grande, onde fica o campo, a pista de atletismo (que serve de área para treinamento dos militares); a caixa de areia, a quadra de areia de vôlei, e ainda uma mini quadra aberta com a demarcação do futsal; se tem um espaço que era o antigo dojô só que no momento não está em funcionamento pois, passará por reformas, a mesma coisa com a academia. As aulas de “danças” geralmente são num salão, também é utilizado na maioria como espaço para o “dojô” provisório e também a escola possui uma piscina. Pode até se dizer que é um “Colégio dos Sonhos”. Sobre os recursos materiais, a escola tem um acervo excelente, o mesmo possui (bolas de todas as modalidades ofertadas, cones, arcos, entre outros) materiais para o atletismo, quantidades de materiais necessários para as aulas, um acervo excepcional.

Expondo sobre o nosso objetivo, começamos com o ensino fundamental. No qual mesmo que as turmas fizessem o rodízio, como o nosso preceptor é responsável pelo handebol, nós residentes ficamos limitadas a um só conteúdo, ou seja, mudávamos de turma a cada metade do semestre, mas, continuávamos com o mesmo objeto de conhecimento. A dificuldade maior para nós foi exatamente a ausência de vivenciar outros objetos de conhecimento. No entanto no ensino médio a dificuldade é a escolha de como reger o conteúdo: se faz uma sequência didática ou não, pois a escolha de modalidade, faz com que se torne treinamento, mas cabe

o professor como enfrentar tal situação. De fato, nós não tivemos um respaldo grande no ensino médio, mas, em nossas análises, fica evidente a iniciação esportiva, uma metodologia mais tecnicista no ensino médio. Quando se fala do planejamento, uma das dificuldades é a falta de comunicação responsabilidade por quem está no comando do colégio na maioria das vezes. Fazemos o planejamento, porém na maioria das vezes é um planejamento incerto para a sua realização. Isso porque a decisão e liberação das turmas acontece com o consentimento do comandante, caso ao contrário não tem aula, e isso não é uma coisa difícil de acontecer, pois o colégio por ter esse sistema Militar, para além das atividades da escola, tem sua rotina, por exemplo: o hasteamento da bandeira é um dos eventos. Tudo isso por fatores já citados, ele (quem estiver no comando) acredita que a aula de EF pode ser substituída por qualquer outra coisa quando é de seu interesse.

Partindo para aula propriamente dita, os alunos têm participação efetiva e o motivo plausível da ausência é quando se estar em dispensa médica. Quando se trata da participação no ensino médio, percebemos a escassez de um gênero quando se refere algumas modalidades, por exemplo: no futsal/ futebol as turmas são lotadas pelos meninos e na Ginástica as meninas. Essa particularidade do colégio, só aumenta o discurso sobre os estereótipos de modalidade, regredindo para discursos antigos e conservadores. Em suma, o Colégio Militar do Recife, atende aos padrões de uma aula perfeita, porém, devido a seu sistema, a hierarquia muito presente, e a falta da construção de alguns debates, a prática sofre dificuldade, e sua evolução tende a tardar ainda mais.

Para a outra residente: contemplando a análise feita pela estagiária acima, acrescentarei outros aspectos das nossas vivências. De fato, a estrutura do Colégio Militar do Recife e seu acervo disponível a educação física, bem como o quantitativo de profissionais da área, impressiona a visão que possuímos do colégio. Entretanto, desde o nosso ingresso em observações e intervenções nas aulas percebemos e conhecemos a realidade dos professores e alunos em relação a ter autonomia nesta instituição. Importante destacar que esta particularidade com o atual comandante não é em todas as gestões (esclarecido por quem trabalha no colégio e ex-alunos) mas a cada dois anos muda o gestor, podendo variar no seu perfil e na relação com o colégio e suas atividades.

Entretanto, no período que nós participamos frequentemente da rotina escolar, percebemos a desvalorização das aulas de educação física, mesmo ela sendo ressaltada no PGE como disciplina do núcleo brasileiro, (entre elas apenas Matemática, Química, Física, Biologia e Educação Física). Ainda no ano de 2018,2 os professores e estagiários da Educação Física não puderam participar da Feira das Nações e durante o conselho de classe, o comandante determinou que seu voto teria maior poder de decisão do que a soma dos votos dos professores (de todas as matérias). Apesar desses fatores pontuados, os alunos do CMR são extremamente favoráveis as práticas e ao conhecimento proposto pelos professores e pelas estagiárias. O leque de professores com diferentes especialidades (natação, esgrima, atletismo, ginástica, dança, para além das modalidades esportivas coletivas) também proporciona grandes possibilidades de aproximação dos alunos com a educação física. Assim, nossas aulas foram bem recebidas e a infraestrutura contribuiu no nosso processo de formação e daqueles que receberam nossas aulas, foram momentos fundamentais de trocas de conhecimentos.

Também vivenciamos momentos diferenciados como os Jogos Internos, que possuem uma grande mobilização do colégio desde os alunos aos professores e soldados, ocorrendo atividades extracampo como o atletismo no Centro Esportivo Santos Dumont, onde contribuímos na organização desta modalidade e podemos pôr em prática o que aprendemos na organização dos Jogos Internos da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (INTEREF) o que indica o intercâmbio de experiência educação básica- ensino superior.

Entre as divergências metodológicas do Ensino Fundamental e Médio podemos destacar vários pontos desde o desenvolvimento do professor, seja em sua autonomia ou nas possibilidades de explorar seu conhecimento, ao desenvolvimento do aluno em sua esfera acadêmica, pessoal/social e outras, sendo todos esses aspectos influenciadores também na formação dos Residentes. Destacaremos como exemplo o 8° ano do Ensino Médio, onde atuamos neste segundo semestre de 2019 e que possui 04 turmas, tendo como objetos de conhecimento o vôlei, a natação, o handebol e o futebol. Assim, cada turma conhece um dos objetos durante meio semestre, ocorrendo sucessivos rodízios ao longo do ano de forma que todas as 04 turmas passem pelos 04 conhecimentos. Contudo, quem participa ativamente dos rodízios são os alunos, e cada professor permanece fixo na sua modalidade, bem como os residentes, limitando de certa forma a nossa expansão do conhecimento mesmo com a estrutura ofertada pelo colégio. Ainda assim, pelo tempo de 18 meses que o Programa de Residência nos possibilita, conseguimos transitar entre outras modalidades ao longo dos semestres através do suporte dos preceptores.

Enquanto isso, o Ensino Médio possui uma metodologia de certa forma oposta, com um “rodízio” podendo ser limitado e o conhecimento desvalorizado. No início do ano os professores constroem um leque de modalidades para serem ofertadas a cada turma do Ensino Médio. Os alunos se escrevem na de sua preferência para o semestre, podendo colocar 1ª e 2ª opção (caso uma modalidade seja preenchida com 30 vagas, o aluno pode ficar em lista de espera e ser relocado para a segunda opção desejada). Além disso, caso o semestre encerre, o aluno pode optar por se reescrever na modalidade, continuando na mesma até 03 anos seguidos.

 Desta forma questionamos: onde está a pluralidade de conhecimentos/conteúdos para o Ensino Médio desta instituição na disciplina de Educação Física? Como podemos planejar a progressão dos alunos naquele conhecimento se os mesmos podem optar por não progredirem? A sistematização de conhecimentos? São questionamentos que permeiam a atuação dos Residentes e influenciam na prática dos docentes, além dos próprios alunos, e que traz fortes marcas de uma educação física esportivista, por vezes segregadora e excludente, mas que serve ao modelo militar vigente.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

 A partir dos estudos dos documentos selecionados e de nossos conhecimentos desenvolvidos na graduação e na Residência Pedagógica, é fundamental refletirmos sobre as divergências do Ensino Fundamental e Médio nas aulas de Educação Física desta Instituição, para melhor desenvolvermos nossa

prática e evoluirmos na construção da nossa formação, bem como na formação dos alunos do CMR. Sabemos que o sistema de ensino influencia na prática e que o papel do professor é de suma importância para a formação dos alunos, portanto, precisamos estar em constante formação, e repensarmos qual modelo de Educação Física pode oportunizar de fato a evolução da aprendizagem dos alunos. A infraestrutura do Colégio Militar do Recife e seu corpo docente possibilita que os alunos e professores desenvolvam todos os objetos de conhecimento da Educação Física, além de viabilizar a interdisciplinaridade entre seus eventos, ficando a critério dos professores e da hierarquia existente.

Acreditamos que o ambiente escolar deve ser um ambiente para democratizar e permitir o acesso à informação sobre questões curriculares e sociais onde o aluno consegue relacionar com suas próprias visões de mundo, assim como pontua Sacristan (1998, p. 15), “o currículo descreve a concretização das funções da própria escola e a forma particular de enfoca-las num momento histórico e social determinado”. Desta forma, enxergamos uma distância entre os objetivos destinados ao Fundamental e ao Ensino Médio, não pela característica de aprofundamento nos conteúdos, mas pelo seu planejamento, flexibilidade e imprevisão de progressão.

Através do conhecimento sistematizado durante as aulas é possível que os alunos ampliem essas visões, podendo assim passar a entender e lidar com realidades diferentes das suas, contudo, a falta de diversidade de conteúdos obrigatórios para o Ensino Médio e correlação de assuntos, pode enfraquecer essa compreensão. Sendo assim, mesmo diante da influência do sistema e da instituição para o planejamento das aulas, os professores de Educação Física Escolar em sua formação, devem buscar, estudar, analisar e colocar na prática a melhor maneira para seus alunos, superando os enraizamentos de práticas esportivistas. Sendo assim, diante de todas essas variáveis, por ser um programa de Ensino Superior Público, a Residência Pedagógica nos oportunizou conciliar conhecimentos da graduação, pesquisa acadêmica e experiências dos projetos de extensão para somar nas intervenções de campo. Precisamos também destacar todo o trabalho desenvolvido com os Preceptores e o corpo docente da IES e da Instituição Militar que foram fundamentais para esta construção e para nosso crescimento enquanto residentes/estagiários.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação infantil e ensino fundamental. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base >. Acesso em: 08/07/19.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **LDB – Lei n.9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL**,** Capes**. Edital CAPES 06/2018 que dispõe sobre a Residência Pedagógica**. Disponível em <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-esidencia-pedagogica.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.

BRASIL, Capes**. Programa de Residência da Capes**. Disponível em <http://www.capes.gov.br/pt/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. em acesso 01 de março de 2018.

COLÉGIO MILITAR DO RECIFE**. Plano de Execução Didática**- Educação Física. Recife, 2019.

COLÉGIO MILITAR DO RECIFE**. Plano de Sequência Didática**- Educação Física. Recife, 2019.

COLÉGIO MILITAR DO RECIFE. **Projeto Pedagógico do Sistema Colégio Militar do Brasil**. Recife, 2019.

MUNIZ, Diogo; FERREIRA, Janaína da Silva; ANACLETO, Francis Natally de Almeida. Transformações curriculares do esporte escolar: do esportivismo à Base Nacional Comum Curricular. **Arquivos em Movimento**, v. 14, n. 2, p. 117-137.

SACRISTAN, J. G. **O Currículo:** uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Z; VARJAL, Maria Elizabeth M. P; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

1. ¹Programa de Residência Pedagógica da Capes, Discentes, Campus Santo Amaro- Escola Superior De Educação Física. lauradgusmão@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. ²Programa de Residência Pedagógica da Capes, Discentes, Campus Santo Amaro- Escola Superior De Educação Física. rosaneemanuellearaujo@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. ³Programa de Residência Pedagógica Capes, Mestre em Educação, professor do Colégio Militar do Recife. Fab.mb@hotmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Programa de Residência Pedagógica, doutora, professora da Universidade de Pernambuco, kadja.tenorio@upe.br [↑](#footnote-ref-4)